

BRASIL | gestão pública

É RARO, MAS ACONTECE

O governo mineiro criou um plano de longo prazo para desenvolver a Grande Belo Horizonte e está executando — prática incomum no nosso setor público | DANIEL BARROS

PLANEJAMENTO É UMA PALAVRA QUE FAZ parte da história de Belo Horizonte. Fundada no final do século 19, a capital mineira foi uma das primeiras cidades planejadas do Brasil. Com o passar dos anos, cresceu desordenadamente e virou uma metrópole de 5 milhões de habitantes — incluindo os 33 municípios à sua volta. Para dar um novo rumo ao crescimento da área, em 2003, o governo de Minas Gerais decidiu resgatar o planejamento. O ponto de partida foi peculiar: a necessidade de tornar viável o aeroporto Tancredo Neves, mais conhecido como aeroporto de Confins por estar no município com esse nome. Confins seria a alternativa para descongestionar o aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte. Mas fora instalado, em 1984, num local distante e sem infraestrutura, na parte norte da região metropolitana. Fazer de Confins o principal ponto de pousos e decolagens do estado exigiria uma estratégia mais complexa do que a mera mudança na rota dos aviões. O governo mineiro decidiu, então, buscar ajuda. Após fazer uma pesquisa, contratou a consultoria do americano John Kasarda, professor de logística da Universidade da Carolina do Norte. Kasarda defende que os aero-

portos — como aconteceu no passado com portos, ferrovias e rodovias — sejam núcleos irradiadores de crescimento. “No mundo globalizado, os aeroportos interligam centros de negócios e transportam as cargas de maior valor”, diz ele. “Com planejamento, dão origem a prósperas ‘aerotrópoles’” (termo cunhado por ele para definir áreas que crescem ao redor de aeroportos). Como exemplo, cita Memphis, no estado americano do Tennessee, e a coreana Nova Songdo, que surgiu do zero há 12 anos e hoje acumula investimentos de 35 bilhões de dólares.

A tese do americano serviu de base para o plano de criar em volta de Confins um polo de empresas de ponta e, por tabela, diversificar a economia mineira, eterna dependente da exploração de matérias-primas. “Junto ao aeroporto, queremos empresas de setores que vão crescer nos próximos 20 anos, como componentes eletrônicos, equipamento médico e aeroespacial”, diz Luiz Antônio Athayde, subsecretário de Investimentos Estratégicos de Minas Gerais. O governo do estado quer elevar a participação metropolitana no PIB mineiro dos atuais 35% para 50% em 2030. E espera que o avanço seja puxado pelos 11 municípios da região norte, também chamada de Vetor Norte (mais

O MAPA DO PROJETO

Graças ao planejamento, a área norte da Grande Belo Horizonte, chamada de Vetor Norte, tornou-se um polo de atração de investimentos



PERFIL DO VETOR NORTE

Abrangência

13 municípios

da região metropolitana de Belo Horizonte

Área

2 100 quilômetros quadrados

Maior que São Paulo e Curitiba somadas

População

1,9 milhão de habitantes

Quase igual à da capital mineira

PIB

58 bilhões de reais

O equivalente a 15% da riqueza do estado

Investimentos públicos e privados

6 bilhões de reais

feitos ou anunciados de 2005 a 2015



DANILO VIERÇA/FOLHAPRESS

AEROPORTO DE CONFINS

É o segundo que mais cresce no país e está na leva de concessões previstas para este ano. O vencedor terá de investir 6,6 bilhões de reais em sua modernização. O terminal de cargas será ampliado

CENTRO DE TECNOLOGIA E CAPACITAÇÃO AEROSPACIAL

Abriga áreas de treinamento, pesquisa e desenvolvimento de empresas do setor, como a Embraer, além de escolas técnicas



JABOTICATUBAS



LEO RUMOND/NITRO

LINHA VERDE

A duplicação de parte da MG-010 ligou a capital ao aeroporto e atraiu empresas para a área. O arco rodoviário, a ser licitado neste ano, vai cortar a Linha Verde. A ideia é atrair uma nova leva de investimentos

Projeto do arco rodoviário

RIBEIRÃO DAS NEVES

VESPASIANO

ALPHAVILLE MINAS GERAIS

Segundo melhor lançamento da história da Alphaville Urbanismo. Foram 542 lotes vendidos em 6 horas. Boa parte para moradia de funcionários da Cidade Administrativa



BELO HORIZONTE



SIX SEMICONDUTORES

A primeira fábrica de chips do país está sendo construída com investimento de 1 bilhão de reais. Entre os sócios estão Eike Batista, BNDES, IBM e o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais



RENATO COBUCCIO/IOE EM DIA/AE

CIDADE ADMINISTRATIVA

Projeto de Oscar Niemeyer, foi inaugurada em 2010. Levou toda a máquina estadual para uma região antes esquecida, mas causou polêmica pelo custo de 1 bilhão de reais

BRASIL | gestão pública



HERMES PARDINI, EM VESPASIANO: mudança elevou a produtividade

É cedo para saber se o plano será um sucesso, mas o novo polo mineiro de desenvolvimento já atraiu 4 bilhões de reais em investimento privado

Betim e Contagem, que estão a oeste).

No Brasil, os governos até planejam, mas têm enorme dificuldade de concretizar os projetos. Por isso, o natural é duvidar da proposta mineira. Mas quem acompanha o trabalho diz que há, nesse caso, boas chances de que o plano seja concretizado. “É cedo para dizer se em dez anos o projeto será um sucesso, mas o governo está trabalhando para executá-lo”, diz Pablo Fajnzylber, economista-chefe do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe. Pelo movimento das empresas, pode-se dizer que o planejado está saindo do papel. Para o período de 2007 a 2015, a região tem 4 bilhões de reais em investimentos privados já feitos ou anunciados. Em 2010, o laboratório de análise médica Hermes Pardini mudou a sede da capital para a vizinha Vespasiano. A empresa coleta exames em 6 000 pontos do Brasil, e a proximidade com o

aeroporto cortou o tempo de viagem do material em 1 hora e meia. “Ganhamos produtividade”, diz Camilo de Lelis, diretor financeiro do Hermes Pardini. Em Ribeirão das Neves, está sendo construída a SIX Semicondutores, primeira fábrica de chips do país. Orçada em 1 bilhão de reais, tem entre os acionistas o empresário Eike Batista, o BNDESPar e a IBM. Lagoa Santa, por sua vez, foi a cidade escolhida para receber o Centro de Tecnologia e Capacitação Aeroespacial (do governo estadual). Lá, a Embraer vai instalar uma área de engenharia.

A chegada das empresas impulsionou o mercado imobiliário. A Alphaville Urbanismo, que há quatro anos buscava uma área próxima a Belo Horizonte, optou por Vespasiano. No lançamento do empreendimento residencial, em 2012, os 542 lotes foram negociados em 6 horas — a segunda venda

mais rápida na história da empresa. Há dois anos, o grupo português Design Resorts comprou em Jaboticatubas terras para criar um bairro de luxo com dois campos de golfe e uma hípica. “O potencial surpreendeu”, diz José Miguel Martins, presidente do Design Resorts. “Vamos dobrar o investimento para 2 bilhões de reais.”

Na avaliação de especialistas, os investimentos privados ocorrem porque o poder público emite sinais corretos. “Nada seria possível se o governo estadual não tivesse feito a sua parte”, diz César Pili, diretor da consultoria Accenture. A ocupação do Vetor Norte conta com a ajuda do escritório de planejamento urbano Jurong, de Singapura, que definiu os setores que se beneficiariam com a proximidade do aeroporto e onde ficariam as moradias, o comércio e as indústrias. Para melhorar o acesso à área, investimentos públicos de 1 bilhão de reais foram destinados a obras viárias. Em 2007, ficou pronta a duplicação da MG-010, a chamada Linha Verde, que liga a capital a Confins. Agora está a caminho a licitação de um arco rodoviário. Outro bilhão de reais bancou a construção da Cidade Administrativa, a nova sede do governo estadual, que abriga 16 000 servidores ao lado da Linha Verde. Apesar das críticas ao valor da obra e ao local escolhido, a mudança é considerada essencial. “Ao levar o funcionalismo para lá, o governo deu sinal à iniciativa privada de que desenvolver o norte é prioridade”, diz Gustavo Gusmão, sócio da consultoria Ernst&Young Terco.

O caso mineiro se soma a outros poucos exemplos em que o planejamento público, devidamente executado, abre caminho para o investimento privado. No Rio de Janeiro, o projeto Porto Maravilha, da prefeitura, atraiu empresas e está revitalizando uma região antes degradada. Em Pernambuco, o complexo portuário e industrial de Suape finalmente deslanchou, não como obra de um único partido, mas porque na última década sucessivos governos pensaram a longo prazo independentemente de colorações políticas. Seria bom que essa prática se multiplicasse. ■